

JEAN-CHRISTOPHE BRISARD
E LANA PARSHINA

A morte de Hitler

Os arquivos secretos da KGB

Tradução
Julia da Rosa Simões



PRIMEIRA PARTE
A INVESTIGAÇÃO (I)

Moscou, 6 de abril de 2016

Lana está perplexa.

Seus contatos nas altas esferas da administração não esconderam que nossas chances de êxito eram mínimas. A reunião que marcamos para as onze horas foi confirmada, mas isso não é garantia de nada na Rússia. O vento gelado lanha nossas faces à medida que nos aproximamos da sede do Arquivo de Estado da Federação Russa (ГАРФ, de Gosudarstvennyy Arkhiv Rossiyskoy Federatsii). Trata-se de uma instituição nacional em pleno centro de Moscou, que concentra uma das maiores coleções de arquivos do país, com cerca de 7 milhões de documentos que vão do século XIX aos dias de hoje. Basicamente papéis, mas também algumas fotografias e dossiês secretos. É por causa de um desses dossiês que enfrentamos o rigoroso inverno moscovita e a não menos rigorosa burocracia russa. Lana Parshina não é uma total desconhecida dos russos. Jornalista e documentarista, a jovem russo-americana é figurinha carimbada das emissoras de televisão, que a convidam para falar sobre seu maior feito: a última entrevista de Lana Peters. Lana Peters era uma velha senhora, pobre e

esquecida por todos, que morava num albergue nos confins dos Estados Unidos. Ela vivia escondida e se recusava a falar com a imprensa. Estava ainda menos interessada em evocar a memória do pai, certo Ióssef Vissariónovitch Djugashvili, mais conhecido como Stálin. Chamava-se Lana Peters, na verdade, Svetlana Stálinna, e era a filha preferida do ditador. Em plena Guerra Fria, nos anos 1960, ela fugira e pedira asilo político ao inimigo americano. Tornara-se símbolo dos soviéticos dispostos a qualquer coisa para escapar de um regime tirânico. Em 2008, Lana Parshina conseguira convencer a austera descendente a lhe conceder uma série de entrevistas filmadas — que fizeram um sucesso estrepitoso em toda a Rússia. Há alguns anos, Stálin voltou à moda em Moscou. As complexas engrenagens da máquina administrativa e burocrática russa são antigas conhecidas de Lana Parshina. Ela garante que está apta a consultar os dossiês secretos, sutis e complexos.

No entanto, nessa manhã de abril de 2016, Lana me parece preocupada.

Temos um encontro com a diretora do GASF, Larisa Alexandrovna Rogovaya, a única que pode nos autorizar o acesso ao dossiê H. “H” de Hitler.

Assim que chegamos ao hall de entrada do GASF, pressentimos o que nos espera. Um soldado com um bigode bem anos 1970, estilo Freddie Mercury, pede nossos passaportes. “Controle!”, ele rosna, como se fôssemos intrusos. Lana, com sua carteira de identidade russa, passa batido. Meu passaporte francês complica as coisas. O militar não parece à vontade com o alfabeto latino e não consegue ler meu nome. Brisard se torna БРИЗАР em caracteres cirílicos. É assim que meu nome aparece na lista de pessoas autorizadas a entrar hoje. Depois de uma longa inspeção e do auxílio de Lana, finalmente conseguimos passar. “Onde fica o gabinete da diretoria-geral dos arquivos?” A pergunta irrita o segurança, que agora já está recebendo outro visitante, com a

mesma amabilidade. “Lá no final, depois do terceiro prédio à direita.” A jovem que nos orienta não espera por nossos agradecimentos para nos dar as costas e subir por uma escada mal iluminada. O GASF lembra uma cidade operária dos tempos do comunismo. Estende-se por vários prédios de fachadas sinistras no mais puro estilo soviético, mescla de construtivismo e racionalismo. Perambulamos de prédio em prédio tentando evitar grandes poças de neve derretida e enlameada. “Diretoria-geral”, diz uma placa acima de uma porta dupla ao longe. Um carro escuro bloqueia a entrada. Ainda temos vinte metros pela frente quando uma mulher imponente sai apressada do prédio e entra no veículo. “É a diretora”, murmura Lana com uma ponta de desespero ao ver o carro se afastar.

São 10h55, e nosso encontro das onze horas acaba de escapar pelos nossos dedos.

Bem-vindos à Rússia.

As duas secretárias da diretoria do GASF dividiram entre si os papéis: uma é gentil, a outra, francamente desagradável. “Para quê?” Quando não se comprehende nada de uma língua, como é meu caso com o russo, é fácil perceber a grosseria no tom de voz. A mais jovem — ou menos velha, diria alguém menos educado — não vai com a nossa cara. Lana faz as devidas apresentações: somos jornalistas, ela é russa, eu francês. Estamos aqui porque temos uma reunião marcada com a diretora, com a sra. diretora, e para consultar um objeto um tanto especial... “Sem chance!”, a secretária hostil nos interrompe subitamente. “Ela saiu. Não está aqui.” Sim, já sabemos, explica Lana: vimos o carro escuro na rua com a diretora, que não percebeu nossa presença e partiu. Relata tudo isso sem perder o entusiasmo. Seria possível esperar? “Se quiserem”, conclui a secretária, saindo da sala com uma pilha de

pastas embaixo do braço, para deixar bem clara a importância do tempo que ousamos lhe tomar. Um relógio cuco se destaca acima da escrivaninha. Marca 11h10. A outra assistente ouve a colega sem dizer nada. Seu ar constrito não nos passa despercebido. Lana se dirige a ela.

Uma reunião no Kremlin, com a presidência. Não estava prevista na agenda da diretora. Evidentemente, quando Putin, ou melhor, quando seu gabinete chama, acorre-se. A secretária gentil se expressa em voz baixa, com frases curtas. Parece uma pessoa doce, e sua voz é reconfortante apesar do caráter negativo de suas informações. Quanto à hora de retorno da diretora, quem poderia saber? Não ela, pelo menos. A convocação de última hora havia sido provocada por nossa chegada? “Não. Por que teria sido?”

Passa das cinco da tarde. Nossa paciência acaba sendo recompensada. Sob nossos olhares atentos, uma caixa de papelão é aberta. Dentro dela, podemos vê-lo, bem pequeno, delicadamente conservado dentro de um estojo.

“Então é ele? É mesmo ele?”

“*Da!*”

“É, ela disse que é.”

“Obrigado, Lana. E foi só isso que sobrou?”

“*Da!*”

“Não precisa traduzir, Lana.”

De perto, o estojo é muito parecido com um porta-disquetes. E de fato é um porta-disquetes. O crânio de Hitler está guardado num porta-disquetes! Sejamos mais exatos: estamos diante do pedaço de crânio apresentado pelas autoridades russas como sendo de Hitler. O troféu de Stálin! Um dos segredos mais bem guardados da União Soviética e, depois, da Rússia pós-comunista. Para nós, o término bem-sucedido de um ano de espera e pesquisa.

É preciso visualizar a cena para compreender a estranha sensação que nos invade. Uma sala retangular, grande o suficiente para abrigar uma dezena de pessoas. Uma mesa, também retangular, de madeira escura laqueada. Na parede, uma série de desenhos em molduras vermelhas. “Cartazes originais”, ficamos sabendo. Datados da época revolucionária. A Revolução, a grande, a russa, de Lênin. De outubro ou novembro de 1917, dependendo do calendário adotado, juliano ou gregoriano. Com ilustrações de intrépidos operários esfomeados. Seus braços fortes erguem uma bandeira escarlate perante o resto do mundo. Um capitalista, um opressor do povo, cruza o caminho deles. Como reconhecemos o capitalista? Veste um terno de bom corte, usa cartola e exibe uma barriga grande e volumosa. Sua figura exala a presunção dos poderosos diante dos mais fracos. No último cartaz, o homem de cartola perde a empáfia. Jaz de costas no chão, a cabeça esmagada pelo enorme martelo dos operários.

Símbolos, sempre símbolos. Por mais poderoso que seja, você acabará esmagado, sua cabeça esmigalhada pela resistência do povo russo. Hitler teria conhecido esses desenhos? Com certeza não.

Uma pena para ele, pois os russos também acabaram tirando sua pele. Seu crânio, para ser mais exato.

Mas voltemos à descrição da cena.

O pequeno cômodo em que estamos, uma sala de reunião com bafio revolucionário, fica no térreo do GARF, bem ao lado da sala das secretárias onde esperamos pacientemente pelo retorno da diretora, Larisa Alexandrovna Rogovaya. Mulher opulenta, na casa dos cinquenta anos, ela não impressiona os interlocutores apenas pela presença física. Sua calma e seu carisma natural a distinguem dos simples funcionários moscovitas. Ao voltar do Kremlin, ela atravessa a secretaria e entra no gabinete sem olhar para nós. Lana e eu estamos sentados nas duas únicas poltronas do recinto. Um enorme ficus separa uma poltrona da outra e invade

generosamente nosso exíguo espaço vital. Mesmo sob intensa concentração, mesmo com muita pressa, seria impossível não notar a presença de dois seres humanos ao lado da planta gigantesca. São quatro horas da tarde. Nós nos levantamos de um salto, esperançosos. O telefone toca. “Na sala ao lado? A de reunião? Em trinta minutos...” A secretária gentil repete as ordens que recebe. Lana se vira para mim, sorrindo. Enfim.

Em silêncio, a diretora senta à cabeceira da grande mesa retangular. Atrás dela, de pé como em posição de sentido, estão dois funcionários. À direita, uma mulher de idade suficientemente avançada para poder pleitear, já há muitos anos, uma merecida aposentadoria. À esquerda, um homem de aparência espectral, muito ereto, como se saído de um romance de Bram Stoker. A mulher se chama Dina Nikolaevna Nokhotovich e é responsável pelos Arquivos Especiais. O homem, Nikolai Igorevich Vladimirtsev (ou apenas Nikolai), está à frente do departamento de conservação de documentos do GARF.

Nikolai deposita uma grande caixa de papelão na frente da diretora. Dina ajuda a abri-la. Depois, ambos recuam, com as mãos às costas, e fixam os olhos em nós. Uma postura de vigias prontos a intervir. Larisa, ainda sentada, encosta as mãos nas laterais da caixa, como para protegê-la, e nos convida a olhar seu interior.

Chegamos a pensar que não presenciaríamos este momento. Pela manhã, o pedaço de crânio ainda parecia inacessível. Depois de meses e meses de negociações intermináveis, de inúmeras solicitações formuladas por e-mail, carta, telefone, fax (sim, o fax continua em alta na Rússia), de ligações para funcionários relutantes, finalmente nos vemos diante deste fragmento de osso humano. Um resto de calota craniana, pouco mais de um quarto da parte posterior esquerda (dois ossos parietais e um pedaço do oc-

cipital, para ser mais exato), julgando a olho nu. O objeto de cobiça de historiadores e jornalistas do mundo todo. Terá pertencido a Hitler, como asseguram as autoridades russas? Ou a uma mulher na casa dos quarenta anos, como afirmou recentemente um cientista americano? Formular essas perguntas dentro do GARF seria o mesmo que falar de política, o mesmo que colocar em dúvida a palavra oficial do Kremlin. Opção impensável para a diretora do arquivo. Absolutamente impensável.

Larisa Rogovaya dirige o GARF há poucos dias, em substituição ao antigo diretor, Sergey Mironenko. Esse é um cargo extremamente político e delicado na Rússia da era Putin. Em nossa presença, ela mede cada uma de suas palavras. É a única que responde a nossas perguntas — os dois funcionários não abrem a boca. Sempre concisa, emite duas ou três palavras por vez, com o rosto constantemente crispado. A alta funcionária já parece lamentar ter atendido nosso pedido. Para falar a verdade, não atendeu nada. A ordem para nos deixar ver o pedaço de crânio veio de alguém acima dela. Quantos graus acima? Difícil dizer. Do Kremlin? Sem dúvida, mas de quem? Lana está convencida de que tudo emana do gabinete da presidência. Como na época da União Soviética, o Arquivo de Estado voltou a ser um recinto quase secreto. No dia 4 de abril de 2016, Vladimir Putin assinou um decreto determinando que a gestão dos arquivos e a publicação, o acesso e a abertura deles passavam a ser prerrogativa direta do presidente da Federação Russa, ou seja, dele próprio. O período de abertura dos documentos históricos, iniciado por Boris Iéltsin, chegava ao fim. O charmoso diretor do GARF, Sergey Mironenko, amigo de tantos historiadores estrangeiros e defensor de acesso quase livre às centenas de milhares de peças históricas de sua instituição, saiu de cena. “Menos comentários, mais documentos. Os documentos devem falar por si”, ele gostava de responder aos colegas espantados com sua política de abertura. Mas tudo tem um fim, e Mironenko foi

afastado. Seus 24 anos de bons e leais serviços na direção do GARF não o retiveram. Com uma canetada, o Kremlin o rebaixou. Não o licenciou, não o aposentou (aos 65 anos, ele teria direito), não o transferiu para outra área, simplesmente o rebaixou. À humilhação se somou a desgraça, pois a nova diretora não é ninguém menos que sua antiga subordinada, nossa querida Larisa Rogovaya. Stálin não teria feito melhor.

O decreto de Putin data de 4 de abril de 2016. No dia 6 de abril de 2016, estamos na frente da caixa com o pedaço de crânio. Não seria paranoia pensar que Larisa Rogovaya daria tudo para nos ver longe dali. Seu corpo manifesta a aversão que sente por nós, ou seu medo de acabar como Mironenko. Assim, quando pedimos para retirar o porta-disquetes da caixa de papelão, a tensão cresce sensivelmente na pequena sala. Larisa se volta para as duas sentinelas. Um breve conciliáculo tem início. Nikolai balança a cabeça em sinal de desaprovação. Dina tira uma folha do fundo da caixa de papelão, ajeita os pequenos óculos que a deixam com ar sagaz e se aproxima de Lana.

Enquanto isso, a diretora faz um sinal a Nikolai, mostrando que não mudou de ideia. Ele ainda está em dúvida, hesita um pouco. Depois, a contragosto, mergulha os braços finos na caixa e com toda a delicadeza retira o porta-disquetes.

“Vocês precisam assinar a folha de presença. Não esqueçam a data, a hora e o número do documento de identidade.” Dina nos mostra como preencher o formulário. Lana assina com cuidado. Deixo-a escrevendo e começo a inspecionar o crânio. Nikolai intervém. Coloca-se na minha frente e, com um “tsc-tsc” irritado, indica meu erro. “Primeiro preencha a folha de presença”, insiste a diretora. Lana pede desculpas por minha falta de jeito. Sou francês, estrangeiro. Ele não entende, ela tenta explicar sorrindo, envergonhada como se eu fosse uma criança hiperativa. Por que tantas precauções, por que a tensão? Mironenko passa na frente

da porta da sala. Reconheço-o por tê-lo visto em várias reportagens ao longo de minhas pesquisas sobre o arquivo Hitler. Ele está sozinho no corredor. Arrasta o corpo pesado e encurvado como uma grande carcaça sem nos lançar um único olhar. Mironenko sabe o que estamos fazendo. Antes, era ele quem recebia os jornalistas. O crânio é seu velho conhecido. São 17h30. Ele já está de casaco, o gorro esconde alguns fios grisalhos, seu dia chega ao fim. O de Larisa, não. “Tudo deve ser feito segundo as regras. Os tempos mudaram, precisamos ser prudentes”, diz a diretora enquanto Mironenko sai do prédio. “Recebemos o sinal verde da administração central para deixar que vejam o crânio, mas temos contas a prestar.” Compreendemos, é claro, nenhum problema. É tudo que Larisa quer ouvir de nós. O crânio, ou o que resta dele, volta a ser fonte de discórdia, de polêmica, entre a Rússia e... boa parte do mundo. Seria mesmo de Hitler? Seria uma mentira do governo? Larisa já esperava a pergunta fundamental, sobre a autenticidade dos ossos. Sua resposta cabe em duas palavras: “Tenho certeza!”. Dina e Nikolai, seus adjuntos, também têm. Nós não temos. “Como podem ter tanta certeza?” Larisa recita algumas frases prontas, preparadas, repetidas mecanicamente à perfeição. Anos de pesquisa, de análises, de verificações efetuadas pela KGB e pelos cientistas soviéticos, os melhores... O crânio é de fato dele, de Hitler. “Em todo caso, oficialmente, é dele.” Pela primeira vez, a diretora do GARF modula seu discurso. A certeza vacila um pouco. “Oficialmente” não é um termo anódino. O crânio não é cientificamente, mas “oficialmente”, de Hitler.

Lana termina de preencher a ficha. Nikolai some da minha frente como que por um passe de mágica. O porta-disquetes e o crânio são nossos. Aproximamos o rosto da tampa plástica. Um adesivo grande da marca do disquete atrapalha nossa visão. Nós nos contorcemos para tentar enxergar melhor, mas isso não ajuda em nada. Com um gesto, pergunto se é possível abrir a tampa.

A chave? Minha mímica funciona. Nikolai tira uma pequena chave do bolso e destrava a fechadura. Depois volta a se posicionar atrás de nós. Mas não abre a tampa. Repito então minha mímica. Dessa vez, faço o gesto de abrir, de levantar. Repito-o duas vezes, lentamente. Larisa pisca, Nikolai entende e abre a caixa, resmungando. O crânio enfim surge à nossa frente.



Fragmento de crânio atribuído a Hitler por Moscou e conservado nos arquivos do GARF.

O crânio de Hitler. Um fragmento ósseo guardado dentro de um banal porta-disquetes dos anos 1990. Que ironia para aquele que queria dominar uma parte da Europa e sujeitar milhões de seres humanos. Hitler, que temia acabar numa vitrine de Moscou, exibido pelo inimigo russo como um simples troféu. Não teve direito nem às honras de uma apresentação digna de sua importância para a história contemporânea: a da encarnação do Mal absoluto. Os russos o conservam nos subterrâneos de seus arquivos e,

conscientemente ou não, tratam-no com a consideração que teriam pelos restos mortais de um cão. E, se é tão difícil obter a permissão de vê-lo, não é porque os russos temem deteriorá-lo ou alterar seu estado de conservação, mas por razões políticas. Ninguém deve examiná-lo ou questionar sua autenticidade. O crânio pertenceu a Hitler. Sobre isso não paira a menor dúvida. Ao menos para os russos.

Para ser sincero, fico um pouco decepcionado. Então esse é o elemento mais secreto dos arquivos russos, um reles pedaço de osso guardado dentro de um porta-disquetes? Pensar que talvez se trate do último vestígio humano de um dos maiores monstros políticos da história acrescenta à decepção uma sensação de repulsa. Mas nada de arrefecer. É preciso voltar à pesquisa e lembrar o motivo que nos trouxe aqui: desvelar as últimas horas de Hitler. Para isso, precisamos fazer as perguntas certas. Onde o crânio foi encontrado? Por quem? Quando? E, acima de tudo, como provar que pertenceu mesmo a Hitler? Queremos respostas. Para começo de conversa, precisamos analisar o crânio. “Analisa?” , espanta-se Larisa, que interrompe minha conversa em inglês com Lana. “Sim, fazer alguns testes... De DNA, por exemplo. Trazer um especialista, um médico-legista...” Lana traduz para o russo nossa solicitação. Educadamente, a diretora ouve sem interrompê-la. “Assim, não teremos mais dúvidas. Nenhuma. Será o fim dos questionamentos sobre a identidade do crânio. É Hitler com toda certeza. Não acha importante?” Queremos acabar com os rumores mais absurdos sobre o fim do tirano nazista. Hitler no Brasil, no Japão, no polo Sul...